

O reflexo de uma boa leitura



STOCKPHOTO

Estudar piadas em sala de aula é um bom exercício para aprimorar o conhecimento do idioma

Em outras ocasiões, defendi certas vantagens da leitura de textos curtos em aulas de português. A principal é a possibilidade de “controlar” o texto e de lê-lo integralmente, sendo ainda possível destacar determinados fatos, ou por serem os mais relevantes para o sentido do texto, ou por serem importantes como indícios de certas características da língua. Selecionar uma piada para servir como protótipo para uma atividade de leitu-

ra é mais ou menos dramático. Muitas devem ser excluídas. Uma de minhas prediletas, pelos elementos lingüísticos envolvidos, é a seguinte:

"O menino era muito levado. Nem a mãe o agüentava. Por isso, assim que pôde, mandou que passasse uma temporada na fazenda do avô. Depois de alguns dias, o menino voltou para casa e, entre ele e a mãe, ocorreu o seguinte diálogo:

- Oi, mãe.
- Oi, filho. Tudo bem? Como foi lá no seu avô?
- Foi legal, mãe.
- Só legal, filho? Conta mais.
- Ah, mãe, foi legal. O vovô me deixava nadar na lagoa.
- Naquela lagoa? Teu avô é mesmo maluco. Como era isso?
- Ah, mãe, todo dia de manhã a gente saía de barco até o meio da lagoa e eu voltava nadando.
- Como assim? Conta direito essa história! Você voltava nadando do meio daquela lagoa?
- Mãe, nadar era fácil. Difícil era sair do saco."

Não há nenhuma dificuldade em incluir esse texto no campo do humor, mesmo que o leitor não seja informado antes de que se trata de uma piada, como pode ocorrer. Com certeza, um leitor "normal" duvidaria de que se trata de uma história verídica, sobretudo por seu final.

Leitura

Vamos considerar de perto certos aspectos desse texto, especialmente de seu final. Pode-se dizer que a narrativa conduz o leitor à expectativa de certo desfecho, compatível com nadar em uma lagoa que a mãe insiste em qualificar como perigosa. A fala final obriga o leitor a abandonar a expectativa de um final "esperado" - o menino mostra que é bom nadador, o avô elogia sua performance, etc.

Quando o leitor se depara com a fala "difícil era sair do saco", obriga-se a procurar uma maneira de interpretar o final inesperado. Descobre que não se trata de uma "aventura na fazenda", mesmo que um pouco fantástica; nem de um avô liberal, que permite que o neto se exponha ao perigo, coisa que uma mãe proibiria.

O mais interessante é que a descoberta do "verdadeiro" final da história resulta de uma série de inferências que o leitor é obrigado a fazer. Ou seja, o sentido não está expresso. Não faz sentido perguntar, por exemplo, "o que é que o menino achava que era o mais difícil?". A resposta que o texto fornece, "sair do saco", não ajuda a ler o texto. O que ajuda é descobrir que o menino era posto diariamente num saco - e contra sua vontade. O texto não diz isso expressamente, mas só pode ser isso que ele significa.

Uma leitura adequada desse trecho é relativamente complexa, exige uma série de atividades de decifração por parte do leitor. Vejamos:

Se o menino tinha de sair do saco, é porque estava dentro (informação que deve ser inferida de "sair", já que não está explicitada na narrativa);

Se o menino estava dentro do saco, de duas possibilidades, deve-se escolher uma: ou ele entrou ou foi "ensacado" por alguém (provavelmente, o leitor concluirá que foi "ensacado");

Se foi "ensacado", algum agente dessa ação pode ser identificado; ora, só podem o avô ou a mãe; esta deve ser excluída, por estar distante da cena;

Se foi "ensacado" pelo avô, ou isso foi feito diretamente por ele ou ele mandou algum capataz fazer isso (o que tem a ver com o nosso imaginário sobre como são as fazendas);

Se era difícil sair do saco, este devia estar amarrado ou costurado.

De todos esses sentidos, que de-

correm de uma seqüência aparentemente simples, o leitor concluirá que o avô estava tentando afogar o neto, mais ou menos como se afogam filhotes de gato. A explicação para o gesto extremo estaria relacionada ao fato de o menino ser muito levado: era insuportável para a mãe e, agora, descobre-se, também o é para o avô.

Interpretação

Em suma: ler esta piada, pelo menos em um sentido de ler (decifrar), exige que se descubra, seguindo mais ou menos os passos acima, que a história que o filho contou à mãe (o avô o deixava nadar na lagoa) não é verdadeira. A verdade é que o avô queria se ver livre do neto, afogando-o, valendo-se de um método típico, embora não com humanos. Esta é uma leitura "superficial" da piada: só entende a piada quem consegue fazê-la.

Mas há outra leitura, tão interessante quanto esta, que pode ser chamada de "interpretação", porque revela ideologias, pontos de vista, crenças. Neste outro sentido de leitura, que exige um passo a mais, pode-se dizer que a piada opõe dois discursos: o discurso do infinito amor maternal e o discurso do "cansaço" que filhos provocam nos pais (poucas vezes confessado...).

Não é casual que a piada inclua a mãe e o avô entre os que se cansam, respectivamente, com o filho e com o neto: trata-se, em nossa cultura, das figuras prototípicas do amor e da paciência com as crianças. E, segundo a piada, são exatamente eles que se cansam do menino.

Da piada pode resultar um bom debate...

SÍRIO POSSENTI É PROFESSOR
ASSOCIADO DO DEPARTAMENTO DE
LINGÜÍSTICA DA UNICAMP E AUTOR DE
HUMOR, LÍNGUA E DISCURSO (CONTEXTO)